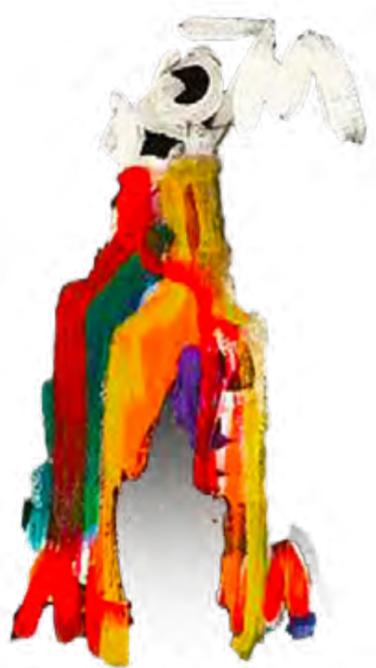


APRESENTAÇÃO



As representações do apocalipse na cultura ocidental são muitas e dos mais diversos vieses. Do Livro do Apocalipse de João aos memoriais dos sobreviventes dos campos de concentração, passando às narrativas distópicas e do antropoceno e aos romances experimentais pós-11 de setembro, visões do apocalipse povoam nosso imaginário criando marcos culturais. Seguindo a noção de James Berger, que define apocalipse como qualquer evento (ficcional ou não) que crie uma noção histórica e cultural de antes e depois, o dossiê Visões do Apocalipse se abre para narrativas que analisam sobreviventes, rastros e fantasmas que habitam mundos onde uma ordem antiga foi quebrada para que outra se formasse. Da ficção histórica à ficção científica, o apocalipse revisita nossos traumas e angústias sociais de maneira questionadora e profunda.

Thiago Cavalcante Jeronimo analisa as epígrafes do romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, como prenúncios metafóricos/apocalípticos da autoconsciência da protagonista. “O Apocalipse da escrita em *A fúria do corpo*, de João Gilberto Noll”, de Francisco

Renato de Souza, discute como as noções de gênese e apocalipse bíblicas permeiam a obra do autor gaúcho e constituem a base da errância característica dos protagonistas. Finalmente, Pedro Fortunato e Ildney Cavalcanti, no artigo “Apocalipse, distopia e utopia em *Oryx e Crake*, de Margaret Atwood”, consideram como a ideia de apocalipse bíblica é reconfigurada nesse romance de ficção especulativa em que a humanidade é praticamente dizimada.

As referências ao apocalipse bíblico são o ponto de contato entre esses textos. No entanto, mesmo que a ideia de catástrofe esteja presente em romances como *Oryx e Crake*, é a ideia de revelação e desnudamento de apocalipse que é trabalhada e enfatizada nos artigos. Podemos assim não apenas refletir em como o apocalipse da cultura judaico-cristã permeia nossa cultura, mas como ele é desmontado, ressignificado ou metaforizado em diferentes romances da literatura brasileira e canadense analisados aqui. Afinal, por trás da ruptura existe sempre um novo mundo a ser desvelado, seja ele interior ou exterior.

Em **Ensino de Literatura**, as pesquisadoras Juliana Machado e Roberta Garcia desdobram os desafios de mediar a leitura literária no Ensino Fundamental com o estudo “Um caminho possível para o ensino de textos literários no ensino fundamental: oficina de contos policiais”. A experiência de ensino relatada pelo artigo aponta como estratégia para despertar o interesse pela leitura o estabelecimento de relações possíveis entre as temáticas de obras canônicas, trabalhadas em sala de aula, e o cotidiano impregnado de narrativas que fazem parte das vivências dos alunos.

Na seção sobre **Teoria, Crítica Literária, outras Artes e Mídias**, para além da multiplicidade de temas e objetos abordados pelos artigos aqui publicados, sobressai uma mesma preocupação com a escrita como representação da Alteridade e a convicção de que a leitura pode ser um meio

muito eficaz para se construírem relações respeitadas entre as diferentes formas de Diferença. Em “As narrativas de escravos e a construção da identidade coletiva do Outro afro-americano”, Débora Spacini Nakanishi oferece uma reflexão sobre a forma como foi construída a imagem dos escravos nos Estados Unidos no século XIX, valendo-se dos estudos de autores como Gates Jr., McKay e Coombs para propor suas considerações críticas concentradas na autobiografia de Solomon Northrop, *12 anos de escravidão*. Numa linha mais eminentemente teórica, Guilherme Fernandes da Rosa propõe o texto “Autobiografia: a concepção lejeuniana e a dialética das formas”, no qual revisita a célebre obra de Philippe Lejeune, a fim de refletir sobre os possíveis desdobramentos de uma teoria da autobiografia que considere as relações dialéticas estabelecidas pelas formas literárias entre si no interior do campo literário. Jefferson de Moraes Lima retoma uma abordagem mais característica de crítica

literária – ao se voltar para o poema “Ode triunfal”, assinado por Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa –, ainda que para isso desenvolva reflexões preliminares sobre a ideia de contemporaneidade, tal como apresentada por Giorgio Agamben. Tal é o arranjo básico delineado por ele com o texto “Em busca de uma literatura do contemporâneo: um breve olhar sobre a contemporaneidade do poema ‘Ode triunfal’, de Fernando Pessoa”. Nessa mesma linha avança ainda Bruno Macêdo Mendonça, com “José Agrippino e a imagética onírica: Inconsciente, desejo e sociedade do espetáculo em PanAmérica”, no qual seu principal objeto e marco teórico já vêm bem definidos desde o título. Valendo-se de uma análise minuciosa desse romance, o autor enfatiza seu caráter onírico e delineia uma visão geral de sua narrativa, deixando o seu próprio texto se contaminar pelo estilo vertiginoso da obra que busca comentar. Contamos ainda com uma contribuição aos estudos machadianos, proposta

por Luiza Helena Damiani Aguilar, que busca elucidar as visões sobre o teatro apresentadas pelo grande romancista brasileiro. Para isso, a estudiosa propõe considerações fundamentadas principalmente no conto “A Chinela Turca”, embora se valha de uma visão global dos seus escritos para tecer a argumentação de “O teatro em Machado de Assis: suas peças, suas críticas e sua prosa”. Finalmente, contamos ainda com o texto “Representações discursivas no romance *Semíramis*, de Ana Miranda: um diálogo entre a ficção e a história”, no qual Édila de Cássia Souza Santana parte dessa obra literária recente para se voltar à historiografia literária nacional e analisar de que modo a representação do escritor José de Alencar pode ser retomada ainda hoje para a formação de espaços configuradores de novos discursos e sentidos.

O presente número traz para a seção **Tradução e Edição** um trabalho de autoria coletiva: o grupo Trupersa,



encabeçado pela professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (UFMG), apresenta “Vozes de mulheres da antiguidade: Traduções de discursos de grandes personagens femininas do drama clássico”. A série reúne traduções de obras gregas, romanas e francesas, elegendo como mote a força contida nas falas de personagens femininas diante de situações de submissão e sofrimento.

Na seção **Em Tese**, Edinília Nascimento Cruz retrata os caminhos e os percursos de viagem e peregrinação na obra de Guimarães Rosa, especificamente nas narrativas de *Corpo de baile*. Com personagens em trânsito, e outros que enfrentam a inquietude de firmar raízes em um lugar, o espaço causa um efeito de impulso, a viagem sendo ela própria um lugar de procura.

Dialogando com o dossiê, esse número traz, em **Entrevistas**, uma conversa com o escritor Eric Novello,

autor de três romances com elementos fantásticos e “com pé no insólito”, como ele mesmo define. Ao longo da entrevista, Novello considera a ideia de apocalipse e o gênero distópico em seu romance mais recente, *Ninguém nasce herói*, ao mesmo tempo em que discute a representatividade na literatura e o sucesso – e relevância – do gênero *Young Adult*.

Em **Resenhas**, Alex Keine de Almeida Sebastião aborda a obra *Carne*, produzida com texto de Bruna Kalil Othero e edição de Octavio Cardozzo. O livro de contos vem embalado em uma caixa nos moldes das utilizadas para lasanhas congeladas e possui, ainda, uma segunda embalagem, formada por uma marmita descartável com tampa de papelão e base em alumínio. Sebastião discute as reverberações que o projeto gráfico e a diagramação geram na fruição da obra. Na sequência, Thiago H. Fernandes resenha *Recusa do não-lugar*, de Juliano Garcia Pessanha, que é apresentado pelo



próprio autor como um híbrido de filosofia, caso clínico e literatura testemunhal. Fernandes perscruta tal hibridização de gêneros e as possíveis expansões do conceito de literatura que podem ser criadas a partir dessas enunciações que dialogam com o performático da escrita.

A seção **Poéticas** encerra esse número com a proposta de trazer a literatura pop e digital para a academia. Baseando-se na ideia de publicação de contos no Twitter, a editora Melissa de Sá propôs um desafio aos escritores digitais brasileiros: escrever um mini conto apocalíptico para dossiê, marcando-o com a *hashtag* #emtese. A resposta a essa proposta está publicada nesse dossiê, trazendo a fugacidade e espontaneidade dessa crescente literatura publicada em redes sociais. Juntamente com a Janayna Bianchi, escritora e editora da revista digital de literatura *Mafagafo*, a curadoria dos melhores contos foi feita. Ainda no meio

digital, temos as obras do artista Rafael Zaramela Lopes, que publica suas criações no Instagram. Os temas da efemeridade e do apocalipse são trabalhados pelo artista em meios diversos, trazendo para o espectador o paradoxo latente entre a beleza e a abominação dos retratos do fim.

Boa leitura!

*

Amanda Pavani

Clarissa Xavier

Felipe Cordeiro

Melissa de Sá

Rafael Guimarães Tavares Silva